

No calor da hora: o jovem Gramsci analisa o surgimento do fascismo

Armando Boito Jr.

Gramsci tem uma reflexão própria e multifacetada sobre o fenômeno político que foi o fascismo. Acompanhou de olhos bem abertos, como intelectual e militante comunista, a conjuntura crítica do pós Primeira Guerra e o nascimento do movimento fascista italiano. Testemunhou e analisou no calor da hora os primeiros passos dessa corrente de extrema direita e forneceu, a meu juízo, algumas das primeiras fotos nítidas e de corpo inteiro desse fenômeno. Eram textos curtos, voltados para a análise de conjuntura, para o debate com os socialistas e, logo em seguida, para o debate interno do então recém-fundado Partido Comunista e publicados nos primeiros anos da década de 1920 principalmente no *L'Ordine Nuovo*, jornal que Gramsci fundara em 1919 com Palmiro Togliatti, intelectual e militante comunista como o nosso autor. Esses escritos – da fase pré-cárcere do dirigente comunista – colocam o jogo complexo de conflitos, de alianças de classe e de frações de classe diversas no centro da análise. Isso é feito de tal modo que esse procedimento diferencia tais textos, ao nosso ver, daqueles escritos posteriormente, durante a década de 1930, no período de prisão de Gramsci. Uma outra diferença é que em *Cadernos do cárcere*, Gramsci adotou um enfoque do fenômeno fascista que, além de dispor de uma perspectiva histórica maior, tinha a ambição de ser mais abrangente: situar o fascismo no conjunto da história moderna da Itália.

A maior parte da obra de Gramsci (na verdade, a quase totalidade dessa obra) está publicada no Brasil. A Editora Civilização Brasileira e posteriormente a Editora Record que a adquiriu publicaram, como é sabido, *Cadernos do cárcere*. Primeiramente, foi publicada a tradução da edição temática dos *Cadernos* e, anos depois, a tradução da edição que procura seguir a ordem cronológica de elaboração dos textos. Quanto aos escritos políticos dos primeiros anos da década de 1920, uma boa parte deles também

está traduzida no Brasil e aparece num volume intitulado *Escritos políticos* da Editora Record sob o selo Civilização Brasileira. Decidimos publicar neste número do *Cadernos Cemarx* dois pequenos textos de Gramsci sobre o fascismo que datam desse período, ao qual nos referimos com a expressão Jovem Gramsci.

Escrevendo em agosto de 1921, um ano e dois meses antes da chegada de Mussolini ao poder governamental, Gramsci examina as bases sociais e a orientação política e ideológica do recém-criado movimento fascista – a reunião fundadora do movimento ocorrera em março de 1919. O primeiro desses textos, cujo título “Os dois fascismos” anuncia a tese nele contida, foi publicado no Brasil no volume *Escritos políticos*, mas esse volume encontra-se esgotado. O outro texto, que é uma espécie de continuidade do anterior, intitulado “Entre realidade e arbítrio”, é, salvo engano nosso, inédito em português. Ambos foram publicados na coletânea de textos de Gramsci sobre o fascismo organizada por Enzo Santarelli (*Gramsci sul fascismo*. Roma: Editori Riuniti. 1973). A tradução que publicamos foi feita pelo colega Gualtiero Marini.

O volume organizado por Santarelli contém quase uma centena de textos, sendo que cerca de 70 foram escritos por Gramsci antes de sua prisão em novembro de 1926 – esses são os textos desconhecidos ou pouco conhecidos no Brasil. Muitos aspectos desses textos chamam a atenção do leitor. Destacarei apenas alguns deles: a tese clara e fundamentada segundo a qual o fascismo é um movimento reacionário pequeno-burguês e de classe média (empregados, funcionários e estratos médios, escreve Gramsci); a sugestão presente nos textos segundo a qual o irracionalismo e a violência do movimento fascista têm sua origem no “medo pânico” da pequena burguesia e da classe média diante das crises econômica e política; a resistência hesitante dos partidos e da imprensa burguesa ao fascismo; a sua avaliação, inicialmente otimista, que previa a crise e o declínio do fascismo; a aproximação do fascismo com a burguesia industrial do Norte desenvolvido, e não com os proprietários de terra do Sul atrasado etc. Nesse último ponto, os textos de Gramsci são muito sofisticados.

Ele insere o movimento e o Partido Fascista, o Partido Socialista, que era o maior partido de massa italiano, o Partido Comunista, o também recém-criado Partido Popular, o bloco liberal de Giolitti, os grandes jornais e outras organizações e correntes de opinião numa trama complexa que reúne conflitos e alianças entre inúmeras e diversificadas forças sociais. Se formos arrolar todas classes sociais e frações de classe que Gramsci considera em suas análises teremos ao menos as seguintes: 1. Burguesia – frações industrial, comercial e agrária, grande e média burguesia; 2. Proprietários de terra pré-capitalistas do Mezzogiorno; 3. Classe operária – teria operariado de fábrica, operariado agrícola (*braciantti*) e aristocracia operária; 4. Pequena burguesia; 5. Classes médias, ou estratos médios ou categorias médias – pois às vezes, Gramsci destaca a classe média do setor público; 6. Campesinato: meeiros e camponeses pobres. Muitas vezes, Gramsci considera também o fracionamento regional dessas classes e frações – Itália do Norte, Itália central e Itália do Sul.

Num dos artigos da coletânea organizada por Santarelli, intitulado “Un anno”, Gramsci discorre sobre a política dos sucessivos governos de Giovanni Giolitti – 1903-1905, 1906-1909, 1911-1914, 1920-1921. Gramsci entende que tais governos sob a direção desse político, na chamada “era giolittiana”, implementaram uma política cujo objetivo era atrair o apoio da classe operária para a política econômica favorável aos industriais do Norte que se encontravam em luta com os latifundiários capitalistas do Centro e os feudais da Região Sul do país – o *Mezzogiorno*¹. Ou seja, considera o conflito no interior das classes dominantes, o conflito em torno do qual girava o processo político nacional, abalado temporariamente pela crise política provocada pelo chamado *Biênio Rosso*, em 1919 e 1920, no qual as grandes greves, manifestações e ocupações de fábrica, principalmente em Turim e Milão, criaram uma situação revolucionária. Em outros textos do mesmo período, discutindo a estratégia revolucionária para barrar o fascismo, sustenta a necessidade de construir a aliança do operariado do Norte com o campesinato do Sul. Gramsci insiste em vários artigos na necessidade de detectar a base de

¹ Publicado em *L'Ordine Nuovo*, edição de 15 de janeiro de 1922. Cf. Santarelli, Op. Cit. pp. 155-159.

classe e de fração de classe dos diferentes partidos e correntes de opinião. A sua análise sobre a base de classe do Partido Popular é exemplar para ilustrar esse procedimento teórico. Considera esse partido um representante da média burguesia e dos camponeses da Itália central e do Norte. Gramsci afirma que a análise política que não dá esse passo das instituições para as classes permanece na superfície dos fenômenos. Realmente, distinguir, analisar e detectar as relações entre, de um lado, tantas forças sociais em presença e, de outro, as inúmeras organizações políticas não é uma tarefa simples.

No primeiro artigo que publicamos, o já citado “Os dois fascismos”, Gramsci procura explicar as razões dos conflitos existentes no interior do movimento fascista. Distinguindo-se da abordagem dominante na imprensa de então, e polemizando com ela, Gramsci localiza a causa principal de tais conflitos, não na personalidade dos dirigentes e nas suas divergências táticas, mas sim no fato de o fascismo possuir duas bases de classe distintas dotadas, cada uma delas, de interesses e propensões ideológicas próprias. O texto distingue o fascismo urbano, cuja base era a pequena burguesia e a classe média, do fascismo rural, diretamente financiado, desde o seu nascimento, pelos proprietários de terra das regiões rurais capitalisticamente desenvolvidas da Itália. O primeiro tenderia à atividade parlamentar e à política de conciliação, inclusive com o Partido Socialista, na chamada “política de pacificação” à qual Gramsci se refere nesse texto. Gramsci entende, o que poderá surpreender o leitor, que o fascismo urbano dirigido por Mussolini poderia se adaptar ao jogo parlamentar e à democracia burguesa. Era a ala que ele denominava nos textos que estamos publicando: “ala colaboracionista” do fascismo. Destaque-se que essa análise não foi uma percepção individual e de momento de Gramsci. Palmiro Togliatti, analisando o fascismo doze anos depois, em 1934, frisa que o fascismo não nasceu totalitário – esse é o termo usado por Togliatti: totalitário –, mas, sim, tornou-se totalitário diante da experiência e da evolução da luta de classes². Quanto à segunda corrente fascista analisada por Gramsci,

² Analisando a evolução do fascismo italiano, Togliatti divide a sua história em três períodos. O primeiro período que vai do nascimento do fascismo até a Marcha sobre Roma em 1922; o segundo período que vai de 1922 a 1925 e que representa a tentativa de criar um regime fascista não totalitário – é o termo usado por Togliatti: totalitário; e

o fascismo rural, esse, ao contrário do fascismo urbano e pequeno-burguês, fazia do combate aos socialistas a sua razão de ser. O objetivo era impedir a até então bem-sucedida ação que os socialistas desenvolviam nas zonas agrícolas em defesa das condições de trabalho e dos salários dos trabalhadores rurais. Esse segundo fascismo recorria massivamente, e contando com o beneplácito das autoridades do Estado, à ação violenta contra os dirigentes e militantes socialistas e contra as instalações dos seus sindicatos e do seu partido.

Gramsci avaliava que tal diferença de classe no interior do movimento fascista acabaria levando à sua divisão organizativa e política. Essa ideia ele desenvolve mais no segundo artigo que estamos publicando, intitulado “Entre realidade e arbítrio”. Porém, essa divisão do movimento não chegou a ocorrer. Esse equívoco na análise prospectiva não deve ofuscar o brilhantismo da análise do presente de então, uma vez que uma coisa não decorria necessariamente da outra. É também necessário qualificar melhor esse equívoco. Tanto na Itália quanto na Alemanha, o processo de aproximação do movimento fascista pequeno-burguês com a grande burguesia (condição para que o fascismo pudesse chegar ao poder) esteve pontilhado de dissidências da base pequeno-burguesa e de consequentes perseguições, expulsões e até assassinatos dos dissidentes. A análise de Gramsci é um ponto de partida incontornável para se entender esse complexo processo. Porém, na sua parte prospectiva, a análise dele afirmava algo distinto do processo gradual de dissidências e expurgos de minorias. Ele previa para breve uma brusca divisão do movimento em duas partes: uma cisão entre o movimento fascista urbano e o movimento fascista rural. Essa parte prospectiva da análise é, de resto, apresentada no texto de maneira muito taxativa, realçando o equívoco cometido pelo autor. Não é raro esse tipo de equívoco nos textos de intelectuais e dirigentes revolucionários. Na projeção de cenários, o grau de incerteza é evidentemente maior e exige mais precaução do analista.

A publicação dos textos pelo *Cadernos Cemarx* visa a chamar a atenção do público brasileiro para a riqueza desses escritos do Jovem Gramsci sobre

o terceiro período que vai de 1925 a 1930, que é o período da criação do totalitarismo. Palmiro Togliatti, *Lezioni sul fascismo*. Roma: Editori Riuniti. 2019. pp. 57-58.

o fascismo num momento em que esse tema infelizmente ganhou atualidade na política brasileira. Há notícias de que brevemente teremos uma tradução brasileira do livro organizado por Enzo Santarelli, o citado *Gramsci sul fascismo*, o que, se vier a ocorrer, será muito bom. Não são poucas as ideias de Gramsci presentes nesses textos que podem ajudar a analisar e a derrotar o fascismo no Brasil.